

Dom Quixote e Tirant lo Blanc: a comicidade e os valores da cavalaria.

Prof. Ms. Denise Toledo Chammas Cassar¹ (ISEAP)

Resumo:

Este trabalho é um estudo comparado do episódio dos leões de Dom Quixote de la Mancha de Miguel de Cervantes e o episódio do alão de Tirant lo Blanc de Joanot de Martorell. Ambos tratam de situações próximas e possuem uma base comum que é a luta com a fera, e todas as consequências que envolvem esse enfrentamento. Alguns aspectos presentes nessas aventuras estão ressaltados, como a verossimilhança, a comicidade e o deslocamento dos valores da cavalaria e da figura do herói.

Palavras-chave: comicidade - cavalaria - herói – novelas de cavalaria

Introdução

A proposta desse trabalho é mostrar a presença da comicidade nos episódios das novelas de cavalaria. Trata-se de uma parte de meu trabalho de pós-graduação que se baseia em um estudo comparado de duas aventuras de cavalaria, **o episódio dos leões** que está no capítulo XVII da segunda parte de *Dom Quixote*, e **o episódio em que o herói Tirant luta com um alão**, no capítulo LXVII de *Tirant lo Blanc*.

Cada herói enfrenta a um animal feroz diferente em nome dos valores da cavalaria. Ambos tratam de situações próximas e possuem uma base comum que é a luta com a fera, e todas as consequências que envolvem esse enfrentamento. Entretanto, a pesar da luta, não são episódios dramáticos. Os autores deram um tratamento diferenciado a essas aventuras por meio do rebaixamento do herói e do deslocamento dos valores da cavalaria, o que provoca a comicidade nas aventuras.

Trabalhar com esses dois episódios é uma situação muito especial, pois de uma parte, estudar a obra de Cervantes, *Dom Quixote de la Mancha*, e fazer uma análise de um dos muitos episódios existentes é um privilégio e ao mesmo tempo uma grande responsabilidade. Por outra parte, estudar a obra de Martorell que ainda não é tão conhecida em nosso país, também é um privilégio e uma grande responsabilidade. A obra de Martorell está mencionada em *Dom Quixote* no episódio do escrutínio, porém o nome do autor não foi citado, pois a tradução ao castelhano que foi publicada em 1511 era uma edição anônima.

1. *Tirant lo Blanc* – a obra

É no capítulo VI da primeira parte que encontramos o grande escrutínio da biblioteca do engenhoso fidalgo. Quando o clérigo e o barbeiro já haviam separado quase todos os livros que iriam ser queimados, de repente, cai das mãos de um deles, o livro *Tirant lo Blanc*:

-¡Válame Dios! - Dijo el cura, dando una gran voz – ¡Que aquí esté Tirante el Blanco! Dádmelo ac's, compadre; que hago cuenta que he hallado en él un tesoro de contento y una mina de pasatiempos. Aquí está don Quirieleisón de Montalbán, valeroso caballeroso, y su hermano Tomás de Montalbán, y el caballero Fonseca, con la batalla que el valiente de **Tirante hizo con el alano**, y las agudezas de la doncella Placerdemivida, ... Digoos verdad, señor compadre, que, por su estilo, **es éste el mejor libro del mundo**: aquí comen los caballeros, y duermen y mueren en sus camas, y hacen testamento antes de su muerte, con estas cosas de que todos los demás libros de ese género carecen... (CERVANTES,2000.134)¹

Essa é a primeira e a mais respeitada crítica sobre *Tirant*. Cervantes elogia a obra por seu estilo e com muito entusiasmo o salva das chamas da fogueira. Além de mencionar os nomes de alguns personagens, afirma que são tirados da vida real, pois comem, dormem e fazem testamento. Paralelamente a esses elogios, faz sua crítica às novelas de cavalaria que careciam de elementos verossimilhantes. O escrutínio da biblioteca de dom Quixote foi e sempre será tema para diferentes trabalhos literários, e por estar inserida nesse contexto, a aventura de Tirant com o alão se tornou conhecida em diferentes partes do mundo. Entretanto, pouco estudada.

Importantes críticos literários reiteram a opinião de Cervantes. Dámaso Alonso (DÁMASO, 1984,164) afirma que *Tirant* seria um ensaio do romance moderno no século XV e que possui detalhes e pormenores de “*verosimilitud distinta añadida a la esencial de la narración*”². Acrescenta que em *Tirant* “*ha muerto el héroe de la caballería y ha nacido el héroe de la novela*”³. Martín de Riquer é um dos especialistas em *Tirant*. Afirma que o livro é um reflexo fiel da imagem dos cavaleiros no século XV. Menciona (RIQUER, 1993,194) que Martorell leu muitos livros, inclusive várias novelas de cavalaria, e tinha muita imaginação. Martorell descreve festas, danças, duelos e aventuras de uma maneira muito similar aos fatos relatados em crônicas da época.

Tirant lo Blanc é uma história de aventuras de cavalaria em que o herói participa de inúmeras façanhas perigosas. Muitas vezes as batalhas são contra os muçulmanos que invadiram a Europa.

O personagem Tirant é um humilde cavaleiro que aos poucos conquista a fama e a glória, entretanto, tem uma característica muito especial: **suas forças são humanas**. A verossimilhança presente, tanto na narrativa quanto na construção do herói se deve, segundo alguns críticos, à vivência que teve seu autor Joanot de Martorell. Viveu realmente como um verdadeiro cavaleiro medieval e conheceu autênticos cavaleiros andantes da época, como Felip Boyl, Jacme de Vilaragut, Don Pero Maça y outros.

2. Valores da cavalaria

É neste ambiente da Idade Média que encontramos os valores da cavalaria que foram deslocados por ambos autores para provocar a comicidade nas aventuras a que me refiro. O mundo medieval, descrito em *Tirant lo Blanc* na época vivido por Martorell, está diretamente relacionado à imagem do cavaleiro andante. Do mesmo modo, as atitudes e aventuras de dom Quixote são basea-

¹ Valha-me Deus! Disse o clérigo – falando em voz alta. Aqui está o *Tirant lo Blanc*! Dê-me aqui compadre que te conto que encontrei nele um tesouro de felicidade e uma mina de passatempos. Estão aqui don Quirieleisón de Montalbán valioso cavaleiro, e seu irmão Tomás de Montalbán, e o cavaleiro Fonseca, com a batalha que o valente **Tirant fez com alão**, e as agudezas da donzela Placerdemivida, ...Digo a você a verdade, senhor compadre, que, por seu estilo, este **é o melhor livro do mundo**: aqui comem os cavaleiros, e dormem morrem em suas camas, e fazem testamento antes de sua morte, com estas coisas de que todos os demais livros desse gênero carecem...

² verossimilhança diferenciada acrescentada à essência da narração.

³ morreu o herói da cavalaria e nasceu o herói do romance

das no código de honra da cavalaria. Então, podemos nos perguntar de onde surgiu todo esse ideário da cavalaria que conhecemos por meio da literatura.

Por meio de estudos que mesclam textos sobre a literatura e a história, identificamos as origens da cavalaria, a criação de seus heróis, seus valores e mitos literários. O fenômeno medieval da cavalaria começou no século X e em pouco tempo chegou a toda Europa. Aos poucos, a instituição passou a ter bases eclesiásticas e nobiliárias. A figura deste guerreiro cristão começou a basear sua vida em um código de honra bastante rigoroso. O livro de Ramon Llull, *Libro de La Orden de Caballería*, de 1275, uma das obras que Martorell teve acesso, nos mostra uma sociedade baseada em valores religiosos que ao mesmo tempo superestimava a vida heróica.

Os valores universais, inseridos nos tratados de cavalaria e descritos nos livros e novelas de cavalaria, eram os mesmos que regiam as bases da sociedade medieval, como por exemplo, a honra, a coragem, a valentia, a procura pela fama, etc. Estes valores são utilizados nas aventuras do alão e de leão, por Martorell y Cervantes, respectivamente, quando os heróis, Tirant y dom Quixote, enfrentam as feras. Ambos autores dão um tratamento paródico aos valores da cavalaria. Por meio do rebaixamento do herói, provocado pela ironia inserida na aventura, o episódio passa a ter caracteres cômicos.

3. A comicidade e a parodia

A comicidade está presente nos textos literários desde a Antigüidade. Aristóteles, na *Poética*, opõe dois tipos de ação, a alta e a baixa, e dois modelos de representação, narrativa e dramática. O cruzamento desses pontos determina quatro gêneros poéticos: a tragédia, a epopéia, a comédia e a parodia. Esta última é o resultado do cruzamento da ação baixa na narrativa. Entretanto, Aristóteles não deixou registros sobre o tema em seus trabalhos.

Nos dois episódios a que me refiro existe a presença da paródia, que pode ser descrita como um exagero cômico na imitação. Segundo el Diccionario de Literatura Española (1999,462) é a imitação burlesca da coisa seria. Esse processo reduz o conteúdo do fato quando o reproduz de uma maneira exagerada e irônica.

Alguns dos historiadores que investigaram a parodia afirmam que é necessário que haja uma certa sofisticação cultural para que a paródia prospere, pois precisa confiar na competência do leitor, que é o grande responsável pelo resultado, ou seja, é o leitor que faz as relações das informações que já possui em seu conhecimento de mundo, por isso a paródia é um gênero sofisticado e necessita ser decodificado pelo leitor.

A ironia é uma das principais características do processo paródico e é ela que une e ao mesmo tempo distancia as duas obras: o texto de fundo passa a ser parodiado e é a nova obra que incorpora o texto anterior. Pressupõe-se que os valores (estéticos e sociais) existentes em determinada sociedade estejam institucionalizados para que a parodia possa ser entendida.

Existem diferentes opiniões sobre o que pode ser parodiado. Alguns críticos afirmam que é possível parodiar todo um gênero literário, um período literário, um artista específico, obras individuais ou parte delas. Segundo Propp (1992:26) podem ser parodiados características individuais ou fenômenos negativos da ordem social e se constitui um dos instrumentos mais poderosos da sátira social. Acrescenta o autor que a paródia somente terá um caráter cômico se mostrar a fragilidade interior do que é parodiado.

O termo 'paródia' oferece certa confusão, pois em geral engloba tanto a transformação burlesca (estilo vulgar e personagem nobre) de um texto, quanto à imitação satírica de um estilo e al-

gumas vezes chega a ser confundido com o pastiche, que possui um estilo mais grosseiro e exagerado. A confusão existe por causa do efeito cômico produzido. Na paródia, o texto sofre uma transformação por meio do desvio e do rebaixamento do personagem.

Para Bakhtin (1999), a paródia é um diálogo entre textos, como se fosse um discurso indireto. Afirmar que a paródia deve ter clareza e agudeza, pois o primeiro texto é utilizado na segunda narrativa de maneira oposta. São textos antagônicos que servem para diferentes finalidades. O segundo texto possui um desvio total e deforma o texto original e às vezes apresenta exagero.

Na ‘Teoria da carnavalização’, o autor encontra uma forma de apontar como os efeitos cômicos e paródicos da literatura podem revelar marcas do inconsciente social. Por isso, afirma que não podemos ignorar o riso popular na Idade Média. A literatura latina paródica foi extremamente difundida durante todo o milênio. O mesmo ocorreu com a literatura cômica em língua vulgar. Encontramos textos análogos à paródia sacra, preces, canções natalinas, e principalmente paródias que escarneciam o regime feudal, as epopeias heróicas e também os livros de cavalaria. Surgem na época as duplicidades cômicas de alguns heróis, como, *Rolando Cômico*.

Bakhtin dedica um capítulo de seu livro às festas e manifestações cômicas realizadas em praças públicas durante a Idade Média. E é exatamente na praça pública que ocorre o episódio de *Tirant lo Blanc* com o alão, sendo justamente nesse espaço que o herói é rebaixado e que os valores da cavalaria são desviados.

Conclusão

Martorell em seu livro de cavalaria descreveu um herói que possui características verossímeis e ao mesmo tempo cômicas. Estes dois aspectos em uma só narrativa. O herói que Martorell nos apresenta está em uma época de transição. Além de ser um grande guerreiro, é um cavaleiro forte, valente, audaz, entretanto, quando estamos lendo o livro e viramos a página, encontramos esse mesmo cavaleiro ironizando os valores da cavalaria e inserido no processo paródico.

Posteriormente, depois de quase um século e meio, Cervantes, parodiou um gênero literário, os livros de cavalaria, que em sua época estavam influenciando os leitores de uma maneira prejudicial, pois continham muita fantasia.

Dámaso Alonso declara que *Tirant* não é uma sátira ou uma paródia, mas uma novela de cavalaria com diversas características de sátira e episódios paródicos que se referem aos mais diferentes aspectos da vida social da época. Apesar de existir certa divergência com relação à nomenclatura que alguns críticos literários utilizam, não se pode negar o humorismo nos episódios de *Dom Quixote* y *Tirant lo Blanc*. Urbina (1999, 35) afirma que Cervantes além de elogiar o estilo realista da obra de Martorell, apreciou em *Tirant* as possibilidades paródicas que se manifestam na obra.

Há vários aspectos que aproximam os episódios. Em ambas situações, os animais são reais e ferozes, os dois heróis lutam por sua honra e *honor*, os contextos são prováveis e possuem verossimilhança e a comicidade está presente. O procedimento paródico existente nas duas aventuras, seria então, mais um aspecto que une as obras de Joanot de Martorell y Miguel de Cervantes.

Referências Bibliográficas

- [1] ALONSO, D. **Tirant lo Blanch, novela moderna**. In: *Antología Crítica*. Santander, Escelicer, 1989.
- [2] ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Souza. Porto Alegre, Ed.Globo, 1966.
- [3] BAKHTIN, M. **La cultura popular en la Edad Media y el Renacimiento**. Barcelona, Barral, 1974`
- [4] BREGANTE, J. **Diccionario Espasa literatura española**. Madrid, Espasa, 1999.
- [5] CERVANTES, M. de. **Don Quijote de La Mancha I y II**. Madrid, Cátedra, 2000.
Edición de John Jay Allen.
- [6] LLOSA, M. V. **Carta de Batalla por Tirant lo Blanc**. Barcelona, Seis Barral, 1991.
- [7] LLUL, R. **Libro de la Orden de la Caballería**. Madrid, Alianza Editorial, 1992.
- [8] MARTORELL, J. **Tirant lo Blanc**. (Trad. Claudio Giordano). São Paulo, Giordano, 2000.
- [9] PROPP, V. **Comicidade e Riso**. São Paulo, Ática, 1992.
- [10] RIQUER, M. **El Quijote in: El Siglo del Quijote**. Madrid. Espasa Calpe, 1990.
- [11] _____ **Historia de la Literatura Catalana**. Barcelona, Ariel, 1964.
- [12] _____ **Historia de la literatura universal**. Madrid, Planeta, 1982.
- [13] _____ **Tirant lo Blanch, novela de historia y ficción**. Barcelona, Simio, 1992.
- [14] URBINA, E. **El sin par Sancho Panzo: parodia y creaciones**. Barcelona. Anthropos, 1991.

¹ **Denise TOLEDO CHAMMAS CASSAR, Profa. Mestre**
Instituto Superior Alvorada Plus (ISEAP)
Coordenação do Curso de Letras
alvoradaplus@yahoo.com.br